

Volta a Portugal em Bicicleta
Narrativas, Territórios e Identidades

Ana Santos

VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA

NARRATIVAS, TERRITÓRIOS E IDENTIDADES



LISBOA, 2011

© Ana Santos, 2011

Ana Santos

Volta a Portugal em Bicicleta. Narrativas, Territórios e Identidades

Primeira edição: Julho de 2011

Tiragem: 700 exemplares

ISBN: 978-989-96783-9-2

Depósito legal:

Composição (em caracteres Palatino, corpo 10)

Concepção gráfica e composição: Lina Cardoso

Capa: Nuno Fonseca

Revisão de texto: Isabel Lacerda

Impressão e acabamentos: Publidisa, Espanha

Este livro foi objecto de avaliação científica

Reservados todos os direitos para a língua portuguesa,
de acordo com a legislação em vigor, por Editora Mundos Sociais

Editora Mundos Sociais, CIES, ISCTE-IUL, Av. das Forças Armadas, 1649-026 Lisboa

Tel.: (+351) 217 903 238

Fax: (+351) 217 940 074

E-mail: editora.cies@iscte.pt

Site: <http://mundossociais.com>

Índice

Índice de figuras e quadros	vii
Agradecimentos	xi
Prefácio	xiii
Introdução	1
Parte I ESPECTÁCULO MEDIÁTICO E PRODUÇÃO DE EMOÇÕES	
Introdução	11
O ritual do espectáculo e a produção de emoções.....	12
Mutações dos espectáculos e dos espectadores	15
A visibilidade mediática: entre a razão e a emoção.....	17
1 A génese do espectáculo desportivo comercial	19
O espectáculo é a bicicleta	19
A competição entre jornais.....	26
A primeira Volta a Portugal em Bicicleta	30
2 Valorização económica e emocional	37
As festas da Volta e o projecto económico do Tour	37
A Volta do <i>Jornal de Notícias</i>	50
Espaços para possibilitar a relação informal	56
3 Espaço de visibilidade mediática	59
Narrativas de drama e de incerteza	59
Parte II TERRITÓRIOS E IDENTIDADES	
Introdução	87
4 A construção do espaço da Volta	93
O primeiro itinerário e a visão romântica da nação	93

	Assimetrias no território (1955-1965)	109
	Os mapas anunciam o lazer	121
5	A singularidade do espaço da etapa	129
	Partição do espaço e competitividade	129
	A extensão da prova e as médias horárias	131
	As etapas de montanha: geografias do vigor	133
6	Os lugares da Volta	157
	De Lisboa até Mondim	157
	A Senhora da Graça: um <i>haut-lieu</i>	164
	O Clube da Volta, espaço da distinção	167
	Topografia e poder	171
Parte III CORPO E TECNOLOGIA		
	Introdução	177
7	Produto genial da ciência e cavalo dos pobres	181
	A invenção da bicicleta	181
	A circulação de significados	185
8	Força e produtividade	191
	Nicolau e Trindade	191
	Ciclismo e heroicidade	194
	Alves Barbosa treinado para vencer	202
	O <i>fou pédaleur</i>	206
	A cultura do ciclismo de estrada	212
9	Rendimento e solidariedade	215
	Joaquim Agostinho no Tour: <i>C'est toi le plus beau</i>	215
	O mecânico Araújo	224
	O líder e os <i>équipiers</i>	228
	Marco Chagas e o projecto de equipa	236
10	Corpos fluídos e flexíveis	245
	O ritual da massagem	245
	A alimentação: do bife ao <i>Isostar</i>	251
	O treino: quilómetros e watts	256
	Corpos no limite da legalidade	259
	Paradoxos e suspeições	265
	Conclusões	269
	Anexo: Palmarés de Ciclistas referidos na Parte III	273
	Bibliografia	297

Índice de figuras

Figuras

1	Monte Farinha fotografado a 13 de Agosto de 2005.....	2
2	Grupo aguarda a passagem dos ciclistas no alto da Senhora da Graça.	3
I.1	Monte Farinha fotografado a 13 de Agosto de 2005.....	12
1.1	Capa de <i>O Campeão</i> de 5 de Novembro de 1899.....	19
1.2	Aguarela de Pinto Basto sobre os passeios de bicicleta dos monarcas ..	20
1.3	<i>A Bicycleta, Revista Quinzenal de Velocipedia</i>	22
1.4	Panfleto de 1907 anuncia provas desportivas com a presença da família Real	22
1.5	Corrida de bicicletas no velódromo de Palhavã	23
1.6	Público no velódromo.....	24
1.7	Para subir à Glória.....	25
1.8	Capa do Jornal <i>L'Auto</i> de 1 de Julho de 1903.....	32
1.9	Capa do jornal <i>Os Sports</i> de 26 de Abril de 1927.....	33
2.1	Anúncios publicitários que referem a Volta a Portugal em Bicicleta	42
2.2	Camiões com bicicletas: 1930-1964	45
2.3	Celebração da vitória de Marco Chagas, 1983.....	49
3.1	Anedota sobre a espera de notícias da Volta na praça do Rossio	60
3.2	A equipa da RTP a acompanhar a Volta de 1960	64
3.3	Etapa da Senhora da Graça, plano da RTP	71
3.4	Disposição das câmaras no espaço da meta da 2. ^a etapa.....	72
3.5	Alinhamento televisivo tipo-directo (etapas em linha)	73
3.6	Fotografia do pódio. Volta de 2005.....	77
II.1	Traçados dos itinerários da Volta a Portugal de 1927 a 2007	89
4.1	Capa do jornal <i>Diário de Notícias</i> de 20 de Agosto de 1925	94
4.2	Capa do <i>Diário de Notícias</i> de 10 de Outubro de 1925	95
4.3	Primeiro traçado da Volta a Portugal (1927).....	98
4.4	Traçado do Tour de France (1927)	98
4.5	Primeiro traçado do Tour de France (1903).....	98

4.6	Tipologia do traçado dos itinerários da Volta	102
4.7	Itinerários realizados até ao fim da década de 40.....	112
4.8	Itinerários realizados até ao fim da década de 50.....	112
4.9	Itinerários realizados até ao fim da década de 60.....	112
4.10	Mapa da Volta a Portugal de 1933	118
4.11	Mapa da Volta a Portugal de 1939.....	118
4.12	Mapa itinerário da VI Volta a Portugal em Bicicleta	121
4.13	Mapa da Volta a Portugal de 1957.....	122
4.14	Mapa da Volta a Portugal de 1966.....	122
4.15	Mapa da Volta a Portugal de 1973.....	124
4.16	Mapa da Volta a Portugal de 1981.....	124
5.1	Visualização gráfica da altimetria de uma etapa.....	130
5.2	Extensão do percurso em quilómetros a partir das médias por década	132
5.3	Velocidade da média por década.....	132
5.4	Extensão, em quilómetros, da Volta a Portugal (1927-2005).....	133
5.5	Itinerários na Serra até 1958. Penhas Douradas e Manteigas	135
5.6	Itinerários na Serra de 1959 a 1968, com meta nas Penhas da Saúde	135
5.7	Itinerários na Serra de 1969-1980. Em 1971 uma meta na Torre.....	135
5.8	Itinerários na Serra da década de 90 e anos 2000.....	135
5.9	Mudança de líder provocada por cada tipo de etapa	139
5.10	Posição dos veículos na caravana.....	143
5.11	Carro vassoura, volta de 2007	145
5.12	O sentido da corrida na televisão e a posição da moto de filmagem	150
6.1	Valor da intensidade da recepção de etapas da Volta em cada concelho organizado por década	158
6.2	A evolução das zonas de maior incidência da Volta	162
6.3	Número de associações de ciclismo	163
6.4	Senhoras de Beja que receberam a 1. ^a Volta a Portugal em Bicicleta.....	168
6.5	Pastelaria e mel, Idanha-a-Nova, 2006.....	170
6.6	Enchidos, Trancoso, 2005	170
6.7	Broa e queijo, Ansião, 2006	170
6.8	Enchidos, Gouveia, Clube da Volta, 2006.....	170
6.9	Sumo de melancia, Termas de Monfortinho, 2005.....	170
6.10	Pão de ló, Fafe, 2005.....	170
III.1	Rascunho de cartaz de humor encontrado num alfarrabista.....	177
7.1	Texto retirado da revista <i>A Bicicleta</i>	184
7.2	Panfleto ilustrado de 1911.....	187
7.3	Número de licenças de bicicletas por capital de distrito na década de 60.....	188
8.1	Poster com José Maria Nicolau e Alfredo Trindade	192
8.2	Poemas que os fãs enviavam a Alfredo Trindade.....	195
8.3	Jornal <i>A Bola</i> de 7 de Agosto de 2005	196
8.4	Monumento aos ciclistas do Cartaxo vencedores da Volta a Portugal ..	197
8.5	Revista <i>Stadium</i> de 26 de Julho de 1933.....	198
8.6	Postal e fotografia enviada ao pai de Alfredo Trindade.....	199

8.7	Contrato do Sporting com Trindade	200
8.8	Cartaz do filme <i>O Homem do Dia</i>	201
8.9	Cone de sucção criado pelo ciclista A e ciclista B que vai na roda	208
8.10	Poupança de energia de um ciclista em função da posição no pelotão .	208
8.11	Posição dos ciclistas na estrada em função da direcção do vento.....	209
9.1	Alpe d’Huez, Família de Joaquim Agostinho, junto à estátua erguida em sua homenagem a 18 de Julho de 2006 (irmão, viúva e filho).....	222
9.2	Exemplo de bicicleta de contra-relógio e aerodinâmica	227
9.3	<i>O Ciclista</i> , estátua da autoria de Jits Bakker, em Loulé	237
10.1	Massagem a um ciclista.....	246
10.2	Alimentação dos ciclistas da equipa Barbot em 2005.....	252
10.3	<i>Isostar</i> , bebida energética.....	253
10.4	Tecnologia de apoio ao treino do ciclista	258
10.5	Tecnologia de apoio ao treino do cicista.....	259
10.6	Recorte de jornal de 1980	261

Quadros

1.1	As quatro principais Voltas internacionais	27
2.1	Entidades responsáveis pela produção do Tour de France.....	38
2.2	Entidades responsáveis pela produção da Volta a Portugal.....	38
4.1	Regulamento da 1. ^a Volta a Portugal em bicicleta	97
6.1	Concelhos-etapa de maior intensidade de recepção de etapas da Volta, organizados por década	160

Introdução

13 de Agosto de 2005, dia da etapa da Senhora da Graça da Volta a Portugal

Parti muito cedo de Fafe com a intenção de subir a pé o Monte Farinha, a partir de Mondim de Basto, até ao alto da Senhora da Graça. Segui pela autoestrada que liga Braga a Vila Real (A7), que atravessa uma grande extensão de campos de milho oferecendo ao olhar o convívio anacrónico entre a irregularidade dos socalcos dos terrenos de cultivo e a linearidade da autoestrada. Saio no desvio para Mondim, continuando por uma estrada secundária, esta sim, moldada à geografia variada do território, com curva e contracurva. E, de repente, no vale perfila-se o Monte Farinha. A surpresa de o descobrir tão facilmente exige uma paragem e uma fotografia.

Chego finalmente, pela primeira vez na vida, a Mondim de Basto. Na rua em frente aos Bombeiros está já a equipa de montagem a erguer as tendas do Clube da Volta. Sigo a pé pela estrada de acesso ao Monte Farinha quando os repórteres do *Diário de Notícias* param o carro para me oferecerem boleia e sugerem que, em vez de subir o monte, faça o percurso a descer. Já conhecia os repórteres e eles sabiam que eu queria juntar-me ao público que passou a noite no Monte para assistir à etapa desse dia. Tinham razão em rir da minha intenção: a subida até de carro é penosa. São oito quilómetros de estrada íngreme com curva e contra-curva que terminam num largo onde começam as escadarias de acesso ao terreiro do Santuário da Senhora da Graça.

Depois de visitar a igreja, subi ao alto da Torre, um mirante ímpar do qual se aprecia a paisagem das Terras de Basto. Pouco passa das nove horas da manhã, o calor já se faz sentir e, no terreiro da capela, aproveitando a pouca sombra dada pelos muros, jazem corpos dormindo ao longo da valeta. Pessoas que viajaram de vários lugares, nomeadamente do Porto e arredores, para passarem a noite no Monte, assegurando desse modo um espaço amplo onde estacionar o automóvel e assentar mesa e cadeiras para as refeições desse dia. Há ainda aqueles que escolhem a mata, à qual se acede por um atalho de terra batida. Na mata, o espaço para montar as tendas é amplo, plano e sombrio, mas tem a desvantagem de ficar longe



Figura 1 Monte Farinha fotografado a 13 de Agosto de 2005
Vista da EN210 que liga Arco do Baúlhe a Mondim e a Celorico de Basto.

da estrada onde irão passar os ciclistas. A azáfama no Monte já se sente, com parte dos grupos ocupados na preparação do almoço. Uns procuram lenha ou montam os assadores, outros entretêm-se a jogar à bola ou às cartas, e há ainda aqueles que pacientemente compõem a cerca dos seus territórios com garrafas de cerveja vazias.

Peço para tirar uma fotografia, sou muito bem recebida, estamos todos interessados uns nos outros. Eu, interessada em saber qual o significado que este evento tem para as suas vidas. E eles, interessados em saber que média eu represento, qual a publicação em que saem as fotos e se, eventualmente, aparecerão na página de algum jornal. Temo desiludi-los e, por isso, digo que sim, que irei publicar as fotos no meu sítio na Internet.

Acompanhei parte da rotina da manhã, que mais não é do que preparar o almoço e, enquanto se bebe mais uma cerveja, observar a diversidade de pessoas que nesse dia sobe a serra, uns de bicicleta, outros a correr, os mais calmos em passeio e um outro, mais excêntrico, que todos os anos sobe de andas.

Continuo a descida e, umas curvas adiante, converso com outro grupo de homens que, inclusive, me convida para almoçar. Este grupo tem, para além do mais, uma máquina de tirar imperial. Almoçamos um ensopado de cabrito com legumes

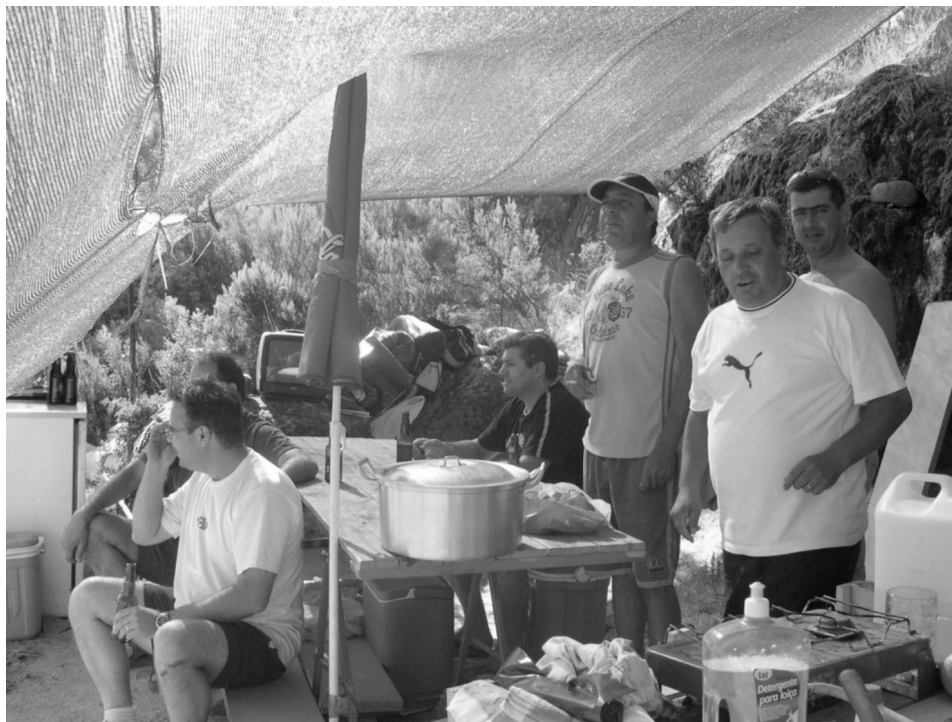


Figura 2 Grupo aguarda a passagem dos ciclistas no alto da Senhora da Graça

acompanhado de imperial gelada, à sombra de um calor de 38.º, ouvindo, repetidamente, a canção que tocava na aparelhagem colocada em cima da furgonete do grupo vizinho, cujo refrão era cantado por quem passava na estrada a pé: “Maria Albertina como foste nessa de chamar Vanessa à tua menina?” A maior parte deste grupo de doze homens vem a este local desde 1978, quando pela primeira vez Mondim de Basto fez parte do conjunto das vilas-etapa da Volta a Portugal. Dizem-se “amantes do ciclismo” e, de facto, sabem tudo o que eu não sei: os nomes dos ciclistas que ganharam esta etapa em particular e a Volta por inteiro; nomeiam os corredores que consideram “históricos”, como a dupla dos anos 30, composta por Nicolau e Trindade, e Alves Barbosa, que ganhou a primeira Volta com 19 anos; veneram Joaquim Agostinho e gostam de ouvir Marco Chagas, também ele vencedor da Volta por quatro vezes, a comentar a corrida para a televisão e, ainda, Joaquim Gomes, que é agora organizador e também já a venceu. Sabem quais são os principais rivais do Cândido Barbosa na corrida que agora se disputa, e desejam ver finalmente o português a vencer. Foi para isso que trouxeram a televisão, que, durante o almoço, está em cima do tejadilho do carro já ligada, mas sem ninguém lhe prestar ainda grande atenção, porque eles sabem o horário de começo da transmissão directa. Perante o meu interesse, que dizem não ser normal numa mulher, explicam-me que,

contrariamente ao que aparenta, o ciclismo é um desporto de equipa. E, em cada equipa, distinguem o *líder* daqueles que para ele *trabalham* e falam de *fugas*, de *andar na roda* e do *lanterna vermelha*, dominando a linguagem própria da modalidade. Nem todos sabem o significado destes termos e, no entanto, escutam, tal como eu, sem sequer se meterem no conflito gerado por diferenças de opinião. Uma disputa que ninguém ganha porque há um senhor mais velho, que é engenheiro e patrão de parte deles, que segue o ciclismo há muitos anos e vem à Senhora da Graça desde o início e, por isso, fala com mais legitimidade e aceitação. Ele tem humor e conta que a estrada larga e alcatroada sobre a qual nos encontramos já fora um estreito caminho de terra batida, que ficava ainda mais apertado à passagem dos ciclistas, dado o número de pessoas que avançava para o meio para os ver de perto, para lhes tocar, e os ciclistas “eram quase levados ao colo pelo público!” Só de imaginar a cena rimos todos à gargalhada e ele, animado, conclui que hoje já nada disso é possível por causa das penalizações que sofrem com um “mero empurrãozinho”. Rimos muito, de novo, com o pormenor do “empurrãozinho”. O calor sobe-me à face, efeito da alegria e, talvez, também da cerveja. De quando em vez, cresce um alarido serra acima, são os carros dos patrocinadores da Volta, que passam o dia a subir e a descer o Monte, atirando janela fora brindes de toda a ordem.

Um ano depois: 12 de Agosto de 2006, dia da etapa Celorico-Mondim de Basto (Senhora da Graça)

Volto a Mondim, mas antes, contactei o Presidente da Câmara para o entrevistar e combinámos encontro às 10 da manhã no Café Império. Enquanto espero, converso com João Alarcão, que, atarefado, se preparava para dar uma entrevista para a RTP. Já estava eu integrada no grupo de convidados do Presidente quando este chega e me convida para participar no almoço que tinha combinado no alto da Senhora da Graça. Subi o monte na viatura oficial do Presidente da Câmara de Mondim. Os outros convidados seguem-nos em cortejo estrada acima, são amigos e parceiros políticos de outras autarquias, à excepção de Celorico, vila rival de Mondim de Basto. Já no cimo do Monte, dirigimo-nos para um salão que fica por baixo da capela, onde nos espera um almoço, que mais parece um banquete, para os cerca de 20 homens. Entre eles, está um senhor com cerca de 80 anos, vindo de uma aldeia próxima, e que habitualmente faz o caminho a pé para se vir sentar com o Presidente todos os anos neste almoço. A sala é fresca e resguardada do olhar do público e dos média, um território fechado e exclusivo. À cabeceira da mesa, em forma de grande U, está o Presidente, à sua frente, o senhor mais velho, à direita, ficarei eu, convidada de última hora e a única mulher na mesa, e depois, os seus pares de autarquias próximas, do mesmo partido político, dos vários distritos que fazem parte das Terras de Basto.

A espera da Volta é passada a conversar e a jogar cartas e, quando falta cerca de meia hora para a chegada dos ciclistas, cada um irá procurar o melhor local para ver a chegada da Volta. Só o Presidente terá acesso à zona vedada do pódio, onde terá lugar a cerimónia protocolar da entrega dos prémios, cabendo a ele entregar a

camisola amarela. Os socalcos abaixo do terreiro do Santuário funcionam como anfiteatro da zona vedada do pódio e é neles que os espectadores se sentam para assistir à transmissão do fim da etapa no ecrã gigante. O público ali alcandorado é digno de espectáculo televisivo e um dos operadores de câmara entretém-se a filmar as pessoas. O produtor coloca no ar as imagens desse público que, ao ver-se no ecrã, reage, levanta-se, acena e dança ao som da música. O *speaker* da Volta é o orquestrador deste entusiasmo: pede aplausos e grita “*ai estão eles, estão quase a chegar, vamos aplaudir, é mais uma grande Volta a Portugal*”. A aproximação dos corredores, monte acima, traz o helicóptero consigo e, então, a sonoridade do Monte altera-se, tornando-se agora ensurdecadora. Aumenta também o som do *speaker*, que necessita de se fazer ouvir. O helicóptero aparece repentinamente vindo de baixo e a multidão grita de susto e de alegria quando se vê de novo no ecrã, agora sob uma nova perspectiva, vistos de cima.

Qual o significado da Volta?

São estas situações de efusividade e de emoção que me levaram a questionar o sentido e o significado da Volta a Portugal em Bicicleta, quer ao nível da produção mediática dessas emoções, quer na relação que o evento estabelece com o território ao longo do tempo, quer ainda sobre o que o sacrifício do corpo representa. A procura de resposta para este tipo de questões levou-me mais longe e fui ao Tour de França, à etapa do Alpe d’Huez, no ano da homenagem prestada a Joaquim Agostinho, em 2006. Comparando com a experiência vivida na Volta, esta etapa do Tour parece uma ampliação da Senhora da Graça, ou seja, os ingredientes são os mesmos, mas a multidão é maior e o espectáculo da caravana publicitária não tem sequer paralelo em Portugal. Em relação ao ciclismo propriamente dito, as diferenças ainda são maiores porque no Tour só participam as equipas do topo da hierarquia. Tanto a Volta como o Tour são competições de ciclismo criadas no início do século XX que, ao longo do tempo, se alteraram e, entretanto, se tornaram grandes eventos desportivos, mas com uma diferença de escala mediática muito evidente. Como se explica então que o Tour se tenha tornado um megaevento mediático, que está ao nível do Campeonato do Mundo de Futebol e dos Jogos Olímpicos, e a Volta continue a ser o que sempre foi, o maior evento do ciclismo em Portugal? Como se traduz esta hierarquia na economia dos eventos, das equipas, dos ciclistas?

Para responder a estas questões, o livro está organizado em três partes distintas e interligadas. A primeira parte foca a produção do espectáculo e compara, no tempo, a valorização mediática e económica da Volta e do Tour. A segunda parte é dedicada à relação que tanto a Volta como o Tour estabelecem com os respectivos territórios nacionais, bem como aos fenómenos de identidade e identificação gerados a partir das emoções que os eventos desencadeiam. Na terceira e última parte, a reflexão centra-se nos rituais de preparação do corpo do ciclista e nas tecnologias que lhe estão associadas.

Fontes

As fontes que servem de apoio a esta parte do trabalho revelam já a hierarquia entre a Volta e o Tour, com este último a ter uma vasta projecção no domínio dos estudos das ciências sociais em obras de vários autores.¹ Sobre a Volta a Portugal, a informação disponível encontra-se dispersa por um conjunto variado de fontes ligadas com a reportagem jornalística e biografias de antigos ciclistas.² A principal obra de referência é a *História do Ciclismo em Portugal*, escrita por Gil Moreira (1907-1988), na qual o autor regista factos que viveu como ciclista, como jornalista que acompanhou o Tour, em 1946, e como director técnico da equipa da Iluminante e da Águias de Alpiarça. A obra de Gil Moreira é a fonte das poucas publicações que existem sobre o ciclismo: *A História do Ciclismo em Portugal*, de Miguel Barroso, publicada em 2001; a publicação, que como o nome indica, comemora os *Cem Anos de Ciclismo*, editada pela UVP-FPC, em 1999; e a *História do Sport Lisboa e Benfica em Duas Rodas: Suor, Sorrisos e Lágrimas*. Para além da obra de Gil Moreira, destaca-se como referência fundamental para entender o ciclismo em Portugal *A História de Ciclismo de Alpiarça*, de Marques Pais, publicada em 2002, uma narrativa fundamentada e referenciada sobre a génese e história do clube, na qual são contemplados os anos de charneira relativos à transformação das equipas de ciclismo em projectos empresariais, com a descrição da ligação da cerveja Clok à equipa do Águias. Existem ainda mais duas publicações que também têm informações sobre a Volta, uma sobre o ciclismo no Alentejo (Gago, 2002) e outra sobre a história do clube de Tavira (Bispo, 2004). Especificamente sobre a Volta, o primeiro registo é de Júlio Guimarães, chama-se *Recordação da IV Volta a Portugal em Bicicleta: Verso e Prosa*, de 1933, sendo uma elegia ao evento e aos seus campeões, nomeadamente Nicolau e Trindade; data de 1935 o primeiro esboço da história da Volta, elaborado por Belo Redondo, *Guia da Volta a Portugal: História da Volta*, no qual são descritas as cinco primeiras edições, bem como os respectivos campeões. Recentemente, foi publicada a *História da Volta* de autoria conjunta de Guita Júnior, Marçal Grilo e Alves Barbosa.

1 Ver Chany (1960, 1975), Barthes (1978), Sansot (1989), Vigarello (2002; 1992), Gaboriau (1995), Blondin (1996), Boury (1997), Augé (1997), Boeuf e Léonard (2003), Wieting (2000), Thompson (2006, 2003), Campos (2003), Dauncey e Hare (2003), Lagrue (2004).

2 Ver Barbosa e Castela (2009) sobre os portugueses que participaram no Tour; Simões *et al.* (2006), Guita Júnior (2004) e amigos de J. A. (2003) sobre Joaquim Agostinho, vencedor da Volta entre 1969-1972; Castela (2007) sobre Venceslau Fernandes, vencedor da Volta em 1984; Lebre e Ribeiro (2006) sobre Vitor Gamito, vencedor da Volta de 2000; Castela (2005) sobre Alves Barbosa, vencedor da Volta em 1951, 1956 e 1958; Raleiras (2003) sobre Joaquim Gomes, vencedor da Volta de 1989 e 1993; Correia (2009) sobre José Bento Pessoa, um dos primeiros campeões de ciclismo portugueses do fim do século XIX.

A necessidade de uma etnografia da Volta

Para captar o evento desportivo na sua complexidade, e sob múltiplas perspectivas, valorizei o método etnográfico na recolha de informação e fiz parte da comitativa da Volta ao longo de três edições sucessivas: 2005, 2006 e 2007. A pertença à comitativa da Volta começa com o ritual de levantamento da credencial no secretariado, um dia antes da corrida principiar. A credencial é um passe que distingue e discrimina o *status* de cada pessoa no interior desta comitativa. O estatuto de investigadora é um vazio de referências numa comitativa muito bem organizada, dividida em três grandes grupos: organização, média e convidados. Na primeira Volta, a atribuição de uma credencial com livre acesso pareceu óbvia a Joaquim Gomes, director da prova e autoridade máxima da organização. Já nos anos seguintes, tive de lutar contra o poder discriminatório do jovem do secretariado que recusava sempre o passe de acesso livre a todas as áreas condicionadas.

A organização da Volta é constituída por várias equipas e cada uma delas tem uma cultura distinta, ou seja, códigos de actuação que correspondem às suas funções. No primeiro ano, como não pertencia a nenhuma equipa, não conseguia sequer entender as benesses associadas ao meu passe e muito menos descobrir uma rotina plausível na mobilidade diária de toda a comitativa. Foram os médicos quem entendeu a natureza do meu trabalho e depressa me integraram nas rotinas da sua equipa, fora do tempo de prova. Vou então passar a ter horários de refeições que marcam também momentos chave de familiaridade com a restante comitativa. Durante o pequeno-almoço, estabeleço contactos e/ou entrevisto de imediato e, ao jantar, com a equipa médica, acedo aos relatos hilariantes que me ajudam a ter uma ideia do retrato da etapa desse dia. Os episódios que caracterizam o dia-a-dia da corrida são as quedas dos ciclistas, os receios provocados pela velocidade das ambulâncias nas descidas das serras para não perderem o seu lugar no curso da corrida, e os conflitos relacionados com as boleias dadas aos ciclistas mais atrasados. No território da corrida, a acompanhar os ciclistas, só podem ir os veículos autorizados pelo Regulamento da União Internacional de Ciclismo (UCI). Em 2006, sigo a etapa que atravessa a Serra da Estrela no carro do director de equipa da Riberalves-Alcobaça e vivo uma daquelas histórias de velocidade e perigo que já havia escutado muitas vezes.

O evento tem um tempo próprio, espaços que o caracterizam, rotinas que estruturam e diferenciam o trabalho de cada equipa, as quais têm códigos de actuação específicos, em suma, é uma cultura própria, transitória e recorrente, diferente da cultura do ciclismo. Comparando com outras corridas de bicicletas a que assisti, a Volta caracteriza-se pela extensa comitativa que a acompanha, da qual fazem parte pessoas que estão associadas aos *reality shows* e às capas das revistas cor-de-rosa. A reivindicação, por parte daqueles que se consideram pertencentes ao “mundo do ciclismo”, de que essas pessoas são exteriores ao ciclismo é um indicador que permite estabelecer a diferença entre a cultura do evento e a cultura do ciclismo. É esta marcação de fronteiras entre o que é exterior e interior ao ciclismo que ajuda à sua definição.

As histórias de vida

Para além da etnografia do evento, foram analisadas as histórias de vida de ciclistas, técnicos, organizadores, jornalistas e acompanhantes da Volta. Da comitiva da Volta fazem parte mais de 500 pessoas e os critérios seguidos na escolha prendem-se, por um lado, com a necessidade de colmatar lacunas da informação obtida na observação participante e, por outro, com o poder de decisão sobre a realização do evento e a chefia das equipas na corrida. É através da análise dos seus percursos biográficos, estratégias, oportunidades, aspirações e constrangimentos, que se pretende entender a mudança social inerente a 80 anos de história da Volta a Portugal em Bicicleta.